

ARTESANIAS

Livro 45

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



A CHUVA POR TESTEMUNHA

Amanhece. Um dia chuvoso e eu feliz, parecendo contrariar o tempo pesado que insiste em me encharcar. Em silêncio, passo a passo, avanço escutando o habituado encontro da chuva com o chão, tal como discretos amantes. Uma inspiração genuína aparece como carta de apresentação, evita-me o anonimato. Embora tendo o que cuidar e o que fazer, não posso deixar de considerar fundamentais minhas próximas horas ao ocupar-me de tantas coisas: confirmar o fim abstrato da esperança, reafirmar atualidade a um amor acabado há anos, duvidar da justiça que atrasa 25 anos um veredito, da burla do fisco que extorque, do Estado que se omite, do político que mente, de oficializar um contrabando de esfomeados estrangeiros, encontrar 100 pais adotantes para 1.000 crianças depositadas e esquecidas, inventar origem e destino para aqueles que a vida ainda não pediu provas de existência, atrasar a morte em 12 jovens imprudentes, enlouquecidos que festejam e anunciam atos que precipitam seu fim, dar um intervalo em algum afogamento e amparo em algumas quedas, inventar a saúde como obrigatória em todos lugares.

Segue o dia chuvoso, os raios levam-me a pensar que eles podem cair duas ou mais vezes no mesmo lugar. Recursos inoperantes mantêm o guarda-chuva quieto, todo molhado, a confirmar que chove dentro e fora dele. Aceito a chuva como solidária testemunha da inquietude que me envolve.



A DOR QUE ME ACOMPANHA

Haverá por aí alguma dor perdida, maior que a minha? A impressão que me fica é a de que a minha dor dói mais, ela não para de doer, real demais para ser suportada, de tão minha perdi o medo, com ela quase convivo em paz. A tolerância liberou-lhe o direito da permanência, de frequência assídua, tanta, que já não é levada tão a sério. De tão familiar caçoa, faz brincadeiras com meu interesse de convencê-la a cessar. Respeita a minha imaginação dando-me tréguas esporádicas.

CICLO AMBIVALENTE

Tantos desacordos, grande acúmulo de desencontros. Inexistentes os interesses, multidão de desencontros. Tanta falta de lugar e vontade desafiando as margens de negociação. O desequilíbrio entre as barreiras de oposição e as tentativas de extroversão foram atravessadas pela falta de intimidade e pelo excesso de proibição.



PREVISÃO

Não tive mais remédio senão confirmar minha previsão: a princípio não quis acreditar no que aconteceu. Sem surpresas, assisti a uma legião de pessoas esvaziadas, invadidas em sua intimidade. Mergulhadas nas profundezas da solidão, isoladas, sem possibilidades de saber que aquela porta aberta que convida não acaba no céu; antes, termina na descrença depois da promessa não cumprida.

DESTINO

Tanta gente nasce, vive e morre desocupado e com vazios. A maioria vive e morre sem conhecer os elementos principais que preenchem as ausências e evitam a escassez. Não chega até elas o saber que quebra barreiras, nem a simplicidade que nivela o conhecimento e os direitos. Nada que lhes alimente o espírito é oferecido para ordenar competências. Assim eles nunca privilegiam suas existências. Neles não há rastros de desejos, e os cuidados a eles oferecidos são sempre artificiais e superficiais.



DENTRO DA DOR

A tristeza me invadiu como um cobertor curto que expõe todos os frios. Escondo-me dentro do tempo que escorreu, tempo que se negou a voltar. A tristeza silenciosa se aquieta como se fosse obediente, se espreme em um canto qualquer, brinca de eterna, se descaracteriza chorando penas menores, se disfarça queimando oportunidades, deixa as vísceras pesadas e expostas.

ELA

Ela está ali, ela me olha, me espreita com um poder que visa me surpreender. Sua inesgotável capacidade de encantar-me rapidamente se instala e permanece em um jogo sem palavras.



TEMPO CIRCULAR

Aspirando soltar-me de uma limitada visão, estranho, mantenho a hierarquia dos anos, dialogando com o passado perdido feito lembrança; criando rugas, perdendo as forças, me torno acrescido nos anos que se repetem a cada ano para dar-me a certeza de que o tempo passa e penetra na pele, nos ossos, justifica alguma sonolência, certa impaciência, dá experiências em desmontes e reparações, contrasta retratos, adormece o demônio e acorda para a vida, fazendo-me saber que nela sou passageiro clandestino.

ATÉ O PRÓXIMO DIA

Só me ficou uma esperança imóvel, uma anulação fora de prazo, uma viagem não realizada, uma força de vontade sem definição, um rosto anônimo, um sorriso nobre e servil, uma simples, poderosa e ocultada paciência. Tudo, feito carne, osso e nervo, nomeado para não passar em branco.



A ÚLTIMA PENÚRIA

O dia entra de forma inesperada, reclamando-me com justificada raiva esse ritual de anular-me antes do tempo. Ninguém me explica as surpresas, as decepções não têm importância, pertencem ao previsível, são variantes que convém esperar. O compromisso maior será ter a curiosidade de conhecer o próximo desconhecido, olhar a solidão de frente e dar-lhe um nome e uma cara para humanizá-la, até a última penúria de hoje.

CONTRA OS REVESES

Para fortificar-me contra os reveses, vivo momentos insípidos, sem emitir opinião, gemidos ou pareceres. Superar-me exige coragem, um grande desejo de restauração. Celebrarei a existência com humor renovado. Inovo o uso da sensível e rara gentileza. Guardo o autêntico entusiasmo para animar-me à vida.



RASCUNHO FANTASIAS

Rascunho fantasias quando me impõem o incômodo. Moldo-me, sei que o tempo está logo ali esperando minhas fragilidades para entrar em minha vida. O tempo se ocupará das minhas convicções, pesará no meu rosto, tomará as articulações de assalto, tentará recheiar meus vazios dando-me uma suspeita sensação de existir.

POBRES OFENDIDOS

As imagens nunca deixarão de verter sobre os meus olhos. Com o que leio do mundo, vejo um desfile de heróis perdidos, reis degradados, humilhados desprotegidos, pobres ofendidos, capitais humanos degradados, exilados, maltratados.



SOB CUSTÓDIA

Deixo o amor sob custódia até que a razão expulse os excessos. A vastidão de bens disponibilizados pelo amor enaltece minha vontade de querer ficar; não consigo fugir desta novidade fantástica.

TENTATIVA

Agonia, quero que te acalmes e faças desse meu sentir um momento em que uma nova luz declare uma esperança. Espero que não me convides, renuncio, não quero tua companhia. Deixa-me aproximar-me da vida com menos rancor. Saiba que dói o vazio, que nada sabe de rumos, o vazio mistura os destinos, grita com o silêncio, sacode a paz, faz chorar quando era para rir, faz com que se perca o rumo com o norte na mão. No entanto, tento fazer chegar até a próxima primavera aquilo que inventei para colorir a melancolia. Não sei se me alcançará o futuro, o tempo mal comportado nem sempre segue dando as cartas. Espero que o jogo chegue até o final.

TANTOS VAZIOS

Coloco em tempo de espera meus adiados sonhos, enfrento um vazio que me afunda, quase pretendo uma disposição do infinito para crescer sem o tempo, desprendo-me do corpo que me aprisiona. Poderei mergulhar consistente em algo tão mal conquistado? Afirmo que ficarei em um lugar inabitual, improvisando um estado de espírito que dê abrigo temporário a alguma instabilidade que me venha tirar satisfação.



ESSE SENTIR

Por fim cheguei a um objetivo: favorecer a inspiração. Bastou endereçar sem limites esse sentir que me humaniza, para que eu ordenasse impulsos e tentações que estavam se espalhando por mim. Pensando em ti, acentuei as intenções, imaginei uma sequência de carícias bem-sucedidas que me obrigariam a ter um gozo descarado, simples, pontual. Vestida com um

sorriso cúmplice, deixaria passar despercebido todo o afeto deliciosamente declarado.

Faça-me saber das novas misturas para poder repeti-las da próxima vez até a exaustão, até que eu escorra para dentro de ti.



FORO ÍNTIMO

Aguardo um momento propício para salvaguardar o espanto que me causa o abuso de poder. Tento ajustar no foro íntimo uma tolerância esgotada que, insistente, ainda fecunda advertências. Não aprendi de memória se o que me confunde é não recuperar uma lembrança rarefeita ou o propositado esquecimento que colabora, borra, inutiliza o que eu penso como coisas minhas.

SONDAGEM

Sinto o entusiasmo que me invade, mas não encontro quem me queira ouvir, alguém para compartilhar esse sentir que recolhe e escolhe parceiros. Quase ninguém observa o quanto seria intenso viver em comum essa oferta da vida que, diante de nós, espontânea, se oferece ao alcance das mãos, e que acaba desperdiçada pela distração cotidiana que se impõe como método de fugir de si mesmo. A consistência do entusiasmo se sustenta por sua natureza milenar de fazer-nos interessados no mundo que nos acompanha feito flor, nuvem, mar.



BUSCO UM SIGNIFICADO

Quero o alimento que torne explícito o mundo que carrego dentro de mim. Uma vontade inesperada aparece sem se anunciar e desaparece todas as noites antes que com ela me intimize. Vivo recostado no cotidiano, projetando na hora seguinte liberar um grito que mude minha vida. Distraio meus próximos minutos para tornar minha carência menos premente.

Um sobreaviso acompanha-me, escoltando minhas dúvidas, embora eu sempre delas tente me afastar. Esses misteriosos movimentos desdobram várias tentações ligadas entre si. Mesmo que a dúvida se dissipasse, logo depois eu seguiria duvidando. Razões nunca me faltam; elas assumem um significado definitivo quando me fazem entender que o futuro segue sendo uma incógnita.



NOSTALGIAS

Nostálgicos eucaliptos nativos agitados pelo minuano me fazem íntimas confidências, revelando que, neles ficaram retidas preciosas lembranças. Guardam em suas raízes mistérios. Utilizam todos os recursos: exalam seu perfume, estalam seus galhos, sugam a terra que os sustentam. Sinto-me interrogado por eles toda vez que me aproximo. Olham-me como se me perguntassem por onde andei, por que tantas ausências, falta de notícias. Mostram-se terrivelmente intolerantes com relação a minha temporalidade, questionando e

trazendo algum consolo pelas coisas da vida que me modificaram quase que por completo. Nada indicava que eles fossem me reconhecer, eu mesmo pensei que eles não fossem mais os mesmos que ali deixei. Eu mesmo não sou mais aquele que nada sabia das minhas possibilidades de existir. Havendo aprendido um pouco mais do que sabia, vejo que algo assaltou a minha inocência. Agora já não tenho mais necessidade nenhuma de revelar-me. Mas admito que algumas descobertas me fizeram menos egoísta.

Quantos eucaliptos na minha infância! metidos em todos os bosques por onde procurava um caminho que me levasse a um lugar novo. Tal sua reprodução, que não me serviam de guia. Velozes, arqueavam-se diante da provocação dos ventos, suas folhas desodorizavam a casa nova da infância. Habilmente colocados sobre a brasa de um fogão à lenha, avisavam da chegada de minha mãe, que conduzia num ritual de odores. Os eucaliptos combatiam os narizes tapados, os resfriados, escondiam os cheiros das carnes assadas na chapa do fogão e outros cheiros menos poéticos.

Nostálgicos como um rádio antigo uivante, crepitam suas folhas açoitadas por sol e vento. Registram o tempo que se passou desde a última vez que com elas me importei.

MINHA IMAGINAÇÃO

Minha imaginação nunca termina de crescer. O que mais me interessa dizer é que ela se fantasia de livre e conquista a mais humilde das vontades, a mais importante, por ser a mais próxima de alcançar. Extraída da minha essência, se oferece para ser usada. Inventa gestos, descumpre ordens, mexe no tempo, ocupa somente seus espaços. Abstrata, tolerante, deixa rastros, provocando minhas habituações, planta nostalgias para alcançar a flor da pele, menos separado do que sou. Difunde-se como luz, inventa atitudes, colore com intenções de plantar a beleza e dar encanto às sombras que me guardam. Propõe-se como atitude objetiva para me fazer sonhar.

DESCOBERTA

Sei de mim nessa arqueologia da descoberta. Apodera-se de mim um desejo impossível: alterar minha temporalidade para conter tanta vida ainda por viver. Dividido entre o que me consola e o que ambiciono mais, confirmo que não estou vivendo apenas de ilusões. Darei a qualidade de concreto a tudo que me fascine e me revele como autor da minha própria história.



IR E VIR

Volto ao passado, procuro fixar o motivo que me tornou capaz de perceber que não deveria reduzir o mundo, nem limitar minha ambição. Componho minha realidade nomeando meus afetos, atinjo lugares e pessoas, revejo sem julgar, já que não tenho o direito nem a possibilidade de modificar o acontecido. O primeiro ponto será aceitar isso.

CRIAR RAÍZES

Um conglomerado de motivos causa-me uma harmonia que concilia todos os desencontros que as minhas contradições ditam. Confiro, no fundo do meu coração, o que a razão não alcança ver. A vida imprime e reúne, sem ordem, a aparição de pessoas vindas dos mais diversos lugares, cruzando histórias, procurando-se, alternando confrontos e decepções, esperando a hora de encontrar e manifestar a alegria guardada, congratular com os amigos, juntar-se aos que com coragem confessam sua solidão adquirida pela desistência, pelas sujeições do passado, por feridas mal curadas há mais de um tempo toleradas.



DANOS

Quase nenhuma força inutiliza a Natureza sem o seu consentimento. Causar tristeza exige a aceitação do triste para convergir na concordância.

FICAREI FELIZ

Desobriço-me das culpas que não são minhas, torno menos denso o agravamento que ramifica violências em cada injúria. Recairão sobre mim acusações por minha resistência. Defendo uma vontade de evitar e encurtar as dores que não são minhas.



CAMINHOS

Com os caminhos já andados, reservo façanhas que requerem atualização. Fecundo o olhar que inveja a recorrência da primavera, insisto em subverter os anúncios da maldade. Decifro olhos atormentados, pedidos fastidiosos com a demora. Cúmplice do desespero, constato que já não é possível a ausência do perigo, já não há devolução.

HÁBITOS

Ainda que me custe, pesa sobre mim um adiamento que me enche de asperezas, e criva meus sentidos de arrependimentos reveladores. Um amontoado de razões não é suficiente para suportar esse sentimento que carrega minhas culpas.



CONTEMPLAÇÃO

Considerando como me apartei de certos lugares, descubro-me instável, humano, ambivalente. Assim, interrompo-me no prolongamento, me excluo, descontinuado. Quem fui eu até hoje, se vivo me contradizendo? Este desacordo é fundo, arremedo as vozes que vivem dentro de mim, busco deixar de contrapor o que fui e o que sou, tento alcançar uma uniformidade, uma clareza que me permita ter ânimo.

NOVAS VISITAS

Meu passado me visitava às vezes. Havia-se aberto um abismo entre nós, mas mesmo assim algumas lembranças pareciam perder o rumo e se apresentavam frescas como notícias do dia. Sempre me surpreendi com as lembranças brincalhonas invadindo meu espaço privado, atual, eu ali sem saber, aguardando algumas presenças! Enquanto me ocupava de outras coisas, as visitas se faziam mais frequentes. Como eu iria vivenciar tudo isso sem indignação, sem exigir uma explicação? Insultei meu passado, uma ou outra vez, proibi-lhe terminantemente de se meter na minha vida atual. Aflito, pensei em exigir-lhe alguma reparação. Estranhamente, algo me atraía nesse passado; por que reapareceria? Teria vivido ali para sempre, dentro de mim em silêncio, esperando um momento em que eu pudesse ouvir o que teria para me dizer? Pus-me a observar, cada vez que alguma inquietude me fazia perceber que ele estaria chegando. Conheço-o mal, depois de tanto tempo. Ávido, pensei em dissipar todas as minhas dúvidas. Eu não lhe tinha afeto, muito antes já o havia eliminado do seu lugar, destinando-o ao esquecimento. Sempre que veio, sua presença não durou

mais do que um breve instante, enquanto eu firmava uma posição de não dialogar com ele. Quem sabe ele tenta algum princípio de reconciliação? Quererá reunir-se para novamente sermos felizes juntos? Trará alguma mágoa insuportável que evito reviver? Alguma dor perdida no tempo?



CONTANDO HISTÓRIAS

Quero de volta uma lembrança que me faça rir, que me siga contando histórias, que dilate o tamanho do meu quarto, que prolongue o meu sonho, e, finalmente, que aumente minha lucidez. Então, minha memória se abrirá serena, por si só; meu passado chegará parecendo como se ali estivesse estado todo o tempo, sem ruído, exatamente igual a como eu o havia esquecido há muito tempo atrás.

REPARTIÇÃO

Dividir dores me custa novas dores, porque cada uma das dores dói tanto que as isolo. Tamanha a dor de certas dores, que me autorizo a torná-las vagas, desunoadas, fraturado, incorporo-as por partes para suportá-las, divido-as fraternalmente, separo-as em duas, três, mil partes, tantas quantas necessárias para caberem dentro de mim. Só então durmo.



MÁGICOS ENGANOS

Tendo encontrado aberta a porta dos sonhos, a voz da recordação, antes do amanhecer, disse a mim mesmo que eles foram tentativas noturnas de encontrar a paz, que inventaram armadilhas, usaram atalhos, armaram ciladas, mágicos enganos, mas que não souberam acalmar minhas urgências escondidas. Não obtive resposta. As alegrias seguiram secretas, longe do meu alcance.

À BEIRA DO PASSADO

Salvo um quê de suavidade, alguns restos de violência, não sei onde descansar a aflição, a dor emudecida, o esgotamento, o abandono, as saudades. Desfeitas as urgências, sempre me perco na calma, onde exalo a inutilidade. Revelo-me incapaz de enviar convites e condolências.



NADA A DECLARAR

Nada a declarar quando me estico a dormir sem sonhos. Fico com o riso magoado dos humilhados, e, embora disfarce, sou conduzido ao campo solitário de um ninho que já não me abriga. Fica entendido que não consigo esquecer as ofensas inoportunas, que me apanham desprevenido apunhalando-me durante o abraço.

DENTRO DO PEITO

Gastei minhas procuras, vi vidas que a morte fria levou. Sem apontar o futuro, o rosto feiticeiro da morte esquiva-se. Reina em mim uma certa desordem misturo tempos, fotos, vivências. Meus sonhos tem vias que não são minhas.



CONFESSO

Para animar minha inspiração, sonhei que adormecia em um colo deitando a fronte em seios que me impregnaram de encantos. Feito um punhado de glórias, minha alma sedenta habituada, obsessiva, clama por infindáveis repetições. Não consigo reinventar o suave estar que me fez viver os mistérios da vida, que, tão tarde aprendidos, povoam-me. Era tudo o que eu podia enquanto a saudade reinava. Em meus devaneios, me foi emprestada uma paz que guardou o meu descanso. Despertei sem medo.

POR INTEIRA

Sou inundado pelo desejo dessas imagens que despem minha amada à noite e trazem-na até mim. Encontram-me querendo-a. Então, mais atrevido, incluo-a em todos os meus sonhos, ocupando todo o repertório de invenções. Torno-me íntimo como suas entranhas, habito-a de tal forma, que, como seu sangue, alimento-a, em silêncio, percorrendo-a por inteira.



A DOR NUNCA VENCIDA

Na minha dor, desafogo uma sombra que me fere. A vida pálida, vaga nas lágrimas, nos soluços. Grande o drama que permanece fustigando minha frágil paz. Quantas vezes chorei, nem eu sei quantas! Por fim, me propus um armistício, como antigamente troquei o susto pela esperança. Na contramão da dor que se avoluma, me surpreendo com o que vejo neste mundo. Geme dentro de mim um remorso por haver deixado de sonhar e por não lembrar mais da alegria que me acompanhava.

INCENTIVO

Atrevo a seguir, oscilando entre o que fui e o que sou. Faço uso alternativo da inocência que desarma. Utilizo tratos funcionais, orientados para não alimentar ódios, tento ser melhor pessoa, nem sempre alcanço. Derramo meus sentimentos fora de hora, com quem não sabe o quanto os prezo, espero reconhecimento dos mais íntimos sem que eles se interessem pela minha carência. Decepcionado, procuro o amor onde ele não está. Convivo com uma resistência sistemática. Em um mundo que valoriza o trágico, tento recuperar o valor do encontro. Poucos se regozijam com êxitos, aventuras felizes. Trânsito entre sozinhos, anônimos em busca de suporte, buscando alguém que esclareça a dúvida e acalme o medo.



Roberto Curi Hallal

